

## A condição heterogênea da formação discursiva e a fragmentação da forma-sujeito: um sujeito "dividido" entre as questões ideológicas e a ciência

### The heterogeneous condition of discursive formation and the fragmentation of the subject-form: a subject "divided" between ideological questions and science

Rubiamara PASINATTO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este estudo toma como aporte teórico-metodológico a Análise de Discurso Francesa, e parte do pressuposto de que uma formação discursiva (FD) tem fronteiras porosas, o que possibilita o atravessamento de saberes entre as FDs e nos permite dizer que a FD pode ser lugar de igualdade, mas também pode abrigar a diferença e a contradição. A partir disso, amparados em Indursky (2008), propomos um deslocamento de algumas questões teóricas, principalmente naquilo que tange à fragmentação da forma-sujeito da FD, o que implica admitir que assim como a formação discursiva, a forma-sujeito também é heterogênea, isto é, abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior. Em consequência disso, a forma-sujeito é espaço para várias posições-sujeito, as quais vão se delineando conforme há distanciamento dos saberes que organizam a posição-sujeito dominante. Diante dessa perspectiva, pautados nesta possibilidade de deslocar a teoria, este artigo tem o objetivo analisar as contradições e tensionamentos discursivos presentes em uma declaração do ex-ministro-chefe da Casa Civil, Luiz Eduardo Ramos. Em específico, o *corpus* está relacionado ao episódio no qual, sem saber que a reunião do Conselho Federal de Saúde Suplementar estava sendo transmitida via internet, Ramos declarou ter sido imunizado para a Covid-19, embora não fosse a orientação, conforme o próprio ex-ministro revelou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contradição. Formação Discursiva. Forma-sujeito. Fragmentação da Forma-sujeito. Posições-sujeito.

**ABSTRACT:** The study takes the French Discourse Analysis as its theoretical-methodological contribution, and assumes that a discursive formation (DF) has porous borders, which allows the crossing of knowledge and allows us to say that the DF can be a place of equality, but it can also harbor difference and contradiction. From this, supported by Indursky (2008), we propose a displacement of some theoretical issues, mainly regarding the fragmentation of the subject-form of the FD, which implies admitting that, like the discursive formation, the subject-form is also heterogeneous, that is, it harbors difference and ambiguity within it. As a result, the subject-form is space for various subject-positions, which are delineated as there is a distance from the knowledge that organizes the dominant subject-position. From this perspective, based on this possibility of shifting theory, this article aims to analyze the contradictions and discursive tensions present in a statement by the former chief minister of the Civil House, Luiz Eduardo Ramos. Specifically, the corpus is related to the episode in which, not knowing that the meeting of the Federal Council of Supplementary Health was being broadcast via the internet, Ramos declared that he had been immunized for Covid-19, although it was not the orientation, as the former -minister revealed.

**KEYWORDS:** Discursive Formation. Subject-form. Fragmentation of the subject-Form. Subject-positions.

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: rpsinatto@hotmail.com.



## Considerações iniciais

O presente trabalho está alicerçado na Análise de Discurso Francesa e parte do pressuposto de que uma formação discursiva (FD) tem fronteiras porosas, o que possibilita que saberes provenientes de outras FDs possam se fazer presentes em seu interior. Esse atravessamento de saberes nos permite dizer que assim como a FD pode ser lugar de igualdade também pode abrigar a diferença e a contradição.

A inscrição do sujeito em uma determinada formação discursiva se dá a partir do preenchimento do sujeito por aquilo que Pêcheux (1995) chama de forma-sujeito, ou seja, trata-se do sujeito do saber de uma formação discursiva na terminologia de Courtine (2014). Na prática discursiva, a interpelação do sujeito em sujeito do discurso, supõe, segundo Pêcheux (1995), um desdobramento do sujeito em locutor (sujeito da enunciação) e forma-sujeito (sujeito universal). Ressalta-se que, a partir disso, o sujeito pode relacionar-se com os saberes da FD de modos distintos. É o que Pêcheux chamou de modalidades de subjetivação do sujeito, as quais trataremos posteriormente.

Feitas essas considerações, antecipadamente, queremos ressaltar que, amparados em Indursky (2008), nosso trabalho propõe um deslocamento de algumas questões teóricas, principalmente naquilo que tange a admitirmos que, assim como a formação discursiva é heterogênea, a forma-sujeito da FD também não é dotada de unidade. Essa questão abre possibilidade para pensarmos que a forma-sujeito de uma formação discursiva não abriga apenas uma posição-sujeito, isto é, aquela em que há a superposição entre o sujeito do discurso e o sujeito universal da FD. Ou seja, nossa perspectiva é de que há uma posição-sujeito dominante na forma-sujeito da FD, constituindo o discurso daquele que Pêcheux (1995) designou como bom sujeito, porém, conforme o sujeito se distancia e passa a questionar os saberes que emanam da posição-sujeito dominante, outras posições vão se delineando. Dessa forma, diante desta perspectiva, no interior da forma-sujeito, a contraidentificação é representada não apenas por uma, mas por várias posições-sujeito que caracterizam o discurso do mau sujeito.

Dessa forma, pautados nesta possibilidade de deslocar a teoria, este artigo tem como objetivo analisar as contradições e tensionamentos discursivos presentes em uma declaração do ex-ministro-chefe da Casa Civil, Luiz Eduardo Ramos<sup>2</sup>, durante reunião do Conselho Federal de Saúde Suplementar no mês de abril de 2021. Em específico, o *corpus* trata-se de uma fala de Ramos na qual sem saber que a reunião estava sendo transmitida pela internet, declarou ter sido imunizado para a Covid-19, embora não fosse a orientação, conforme o próprio ex-ministro revelou. Assim, é a partir do tensionamento que se manifesta pela contradição entre as “questões ideológicas” e a “ciência”, o qual acreditamos provocar a movimentação do sujeito dentro da forma-sujeito, que pretendemos conduzir a escrita.

## A análise de discurso: breves delineamentos

As raízes da Análise de Discurso estão assentadas na França, mais especificamente, na segunda metade da década de 1960, a partir dos estudos de um conjunto de teóricos militantes, entre os quais se destaca Michel Pêcheux. A AD toca os bordos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Em virtude disso, é considerada enquanto uma disciplina de entremeio, porém não toma o método e o objeto de nenhum desses campos do saber, pois tem seu objeto e método próprios. A respeito do entrecruzamento dessas regiões do conhecimento, Orlandi (2006, p.13) explica que,

---

<sup>2</sup> Foi substituído por Ciro Nogueira, no início do mês de agosto de 2021.



“[...] com a linguística, ficamos sabendo que a língua não é transparente, ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria [...]”; a partir do marxismo, tomamos consciência que a história tem sua materialidade; e, com a psicanálise, percebemos que o sujeito se desloca com sua opacidade.

Tomar a AD como dispositivo teórico-metodológico implica, desde sempre, considerar a exterioridade enquanto constitutiva dos sujeitos e dos sentidos, inscritos em uma ordem sócio-histórica e atravessados pela ideologia. Também, representa ir além da superfície linguística e olhar a língua em funcionamento, ou seja, inscrita na história e atravessada pela ideologia, enquanto base material onde se realizam os efeitos de sentidos dos processos discursivos. Dessa forma, a Análise de Discurso, conforme adverte Pêcheux (2014, p. 291):

[...] não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro).

É, portanto, ultrapassar os limites do aparente e do óbvio, e imergir no discurso, trabalhando a opacidade da linguagem.

### **O esquecimento: ilusão necessária para a constituição dos sujeitos e dos sentidos**

Na Análise de Discurso o sujeito é constituído pelo esquecimento daquilo que o determina. O processo de esquecimento, segundo Pêcheux (1995, p. 183), não designa a perda de alguma coisa que se saiba, como quando se fala de “perda de memória”, “[...] mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu efeito.”. Esse “acobertamento” pode se dar pelo esquecimento número 1 e pelo esquecimento número 2.

O esquecimento 1 é de ordem do ideológico e do inconsciente, e “[...] dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” (PÊCHEUX, 1995, p.173). A partir desse esquecimento, o sujeito tem a ilusão de ser o “dono” daquilo que diz, entretanto, pelo funcionamento da ideologia, não se dá conta de que na verdade seu discurso não é “novo”. Dito de outro modo, pelo esquecimento 1, o sujeito acredita que os sentidos se originam nele, quando está apenas (re)dizendo algo já dito e, diante disso, as palavras não significam apenas aquilo que queremos, elas carregam redes de sentidos que são pré-existentes.

Já o esquecimento 2 é constituído no momento da enunciação e nos dá a ilusão da certeza de que aquilo que queremos dizer tem apenas uma forma de ser dito. É o processo pelo qual “[...] todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina [...] formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase [...].” (PÊCHEUX, 1995, p.173). A partir de nossas escolhas discursivas, esse esquecimento nos dá



a impressão de que aquilo que dizemos só pode ser dito daquela maneira, como se houvesse uma ligação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

Dessa forma, os esquecimentos funcionam enquanto uma ilusão “necessária” tanto em relação à constituição dos sujeitos quanto no que diz respeito à constituição dos sentidos. Isso porque, conforme nos ensina Orlandi (2009, p. 35-36), “Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. [...] Por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante.” É justamente a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia que resulta em um efeito de ilusão de transparência da linguagem, “apagando” a inscrição da língua na história para que ela signifique.

Os esquecimentos são, portanto, diante da perspectiva da AD, processos necessários para que as palavras do sujeito adquiram sentido, pois elas significam porque já foram ditas em outros lugares, logo, em condições distintas de produção. Assim, as palavras são as mesmas, mas os sentidos são sempre outros, dado que a língua, enquanto materialidade do discurso, funciona em sua relação com a exterioridade. Isso significa que o sentido não está preso à literalidade, “[...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Ou seja, os sentidos estão ligados às relações que cada palavra mantém dentro de cada formação discursiva.

## Os desdobramentos do sujeito na formação discursiva

Inicialmente, antes de pensarmos acerca dos modos de subjetivação e desdobramentos do sujeito dentro da formação discursiva, convém assentar teoricamente como estamos entendendo uma FD, embora na seção inicial um primeiro delineamento já tenha sido realizado.

Assim como outras categorias da Análise de Discurso, a concepção de formação discursiva foi sendo repensada ao longo da trajetória da teoria. Desse modo, apenas a título de contextualização, convém pontuar que, num primeiro momento, o conceito de FD foi cunhado por Foucault (1997), na obra *Arqueologia do saber*. Posteriormente, apesar de não referenciar os estudos foucaultianos, Pêcheux e Fuchs (1990) repensam esse conceito no texto *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas [1975]*. Por fim, em *Semântica e Discurso* (1995 p. 160, grifos do autor), Pêcheux revisita a noção esboçada anteriormente, e define FD como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito [...]”. Ou seja, a FD corresponde a um domínio de saber formado por enunciados que designam uma forma de relacionamento com a ideologia, regulando a enunciação do sujeito, isto é, “o que deve e pode dizer”.

Uma mesma FD pode abrigar saberes contraditórios e, por vezes, até antagônicos. Isso possibilita que o sujeito se movimente e ocupe diferentes posições discursivas, as quais são determinadas conforme o modo com que ele se relaciona com a heterogeneidade que é constitutiva da formação discursiva. A inscrição do sujeito em uma determinada formação discursiva se dá a partir do preenchimento do sujeito por aquilo que Pêcheux (1995) chama de forma-sujeito, ou seja, o sujeito do saber de uma FD.

Na prática discursiva, a interpelação do sujeito em sujeito do discurso supõe, segundo Pêcheux (1995, p. 214), um desdobramento do sujeito, “[...] de forma que *um dos termos* representa o “locutor”, ou aquele a que se habituou chamar de o “sujeito da enunciação” [...] e o outro termo representa “o chamado sujeito universal [...]”. (grifos do autor). A partir disso, o sujeito pode assumir, dentro de uma FD, três modalidades.

Na primeira modalidade, há superposição entre sujeito da enunciação e sujeito universal (sujeito do saber), sendo assim, a tomada de posição do sujeito se dá pelo seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido” (PÊCHEUX, 1995). Trata-se, assim, daquele que Pêcheux (1995) chama de bom sujeito, pois se identifica plenamente com a forma-sujeito da formação discursiva sem contestar os saberes dominantes da forma-sujeito.

Já na segunda modalidade, “[...] *o sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma ‘tomada de posição’ [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 215, grifos do autor), caracterizando o discurso do “mau sujeito”. Há, portanto, um distanciamento entre o sujeito da enunciação e a forma-sujeito da formação discursiva, o que leva à contraidentificação do sujeito com a FD.

Por fim, a terceira modalidade da tomada de posição delineada por Pêcheux (1995) funciona como uma interpelação da ideologia ao contrário, às avessas – sobre e contra si mesma-, com deslocamento da forma-sujeito que passa a se desidentificar com o sujeito universal, podendo se filiar a outra FD. Essa modalidade “[...] constitui um *trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito* e não a sua pura *anulação*. (PÊCHEUX, 1995, p. 217, grifos do autor).

É importante assinalar que essas três desdobramentos de tomada de posição não são acessíveis ao sujeito, haja vista que elas acontecem em uma ordem simbólica. Dito de outra maneira, o sujeito não tem controle sobre a tomada de posição na formação discursiva, pois ela se dá no funcionamento do discurso e pela interpelação da ideologia.

Como já dissemos, estamos trabalhando diante da perspectiva de que, assim como a formação discursiva é heterogênea em virtude da circulação de saberes que por vezes podem ser até antagônicos, a forma-sujeito também é espaço de contradição e, por isso, pode fragmentar-se em diferentes posições-sujeito. É, pois, focando nessa discussão, que daremos continuidade à escrita.

## **Fragmentação da forma-sujeito: reflexões necessárias**

Para pensarmos sobre a fragmentação da forma-sujeito, é mister recorrermos a alguns delineamentos que são apresentados por Indursky (2008) em *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso*. No referido texto, ao discutir aspectos atinentes à tomada de posição e ao conjunto de posições-sujeito que pode se desenhar dentro de uma formação discursiva, a autora propõe a existência de uma posição-sujeito dominante quando pensamos da modalidade do bom sujeito.

Indursky (2008, p.18) entende que, se existe um conjunto de posições-sujeito, e não apenas duas - o bom e o mau sujeito -, somente uma delas remete ao que Pêcheux denominou de bom sujeito, isto é, aquele que se identifica plenamente com a forma-sujeito, logo, reduplicando seu saber. Dessa forma, esta posição-sujeito “[...] se constitui

em uma *posição-sujeito dominante* em relação às demais posições em que a forma-sujeito se fragmenta. (INDURSKY, 2008, p. 18, grifos da autora).

Nesse âmbito, interessa-nos outra questão levantada pela autora no que tange à fragmentação da forma-sujeito. Segundo Indursky (2008), a identificação do sujeito do discurso com uma FD não acontece a partir da forma-sujeito da formação discursiva, haja vista que ela é heterogênea e fragmentada. Ou seja, “[...] o sujeito se identifica com a FD através de uma de suas posições-sujeito e, por seu viés, com a forma-sujeito.” (INDURSKY, 2008, p. 19). Assim, esse deslocamento na teoria, permite-nos pensar que, quando se identifica com a posição-sujeito dominante da FD, o sujeito passa a corresponder àquilo que Pêcheux designou como efeito-sujeito, isto é, há uma superposição entre o sujeito do discurso e os saberes que correspondem a esta posição-sujeito. E, a partir da plena identificação, constitui-se em um bom sujeito.

Nesse contexto, importa destacar que o distanciamento do sujeito em relação aos saberes que organizam a posição-sujeito dominante possibilita a existência de outras posições-sujeito, vindo a caracterizar, nos termos de Pêcheux (1995), o mau sujeito. Isso significa que a superposição já não é plena, haja vista que a partir do questionamento do sujeito “[...] vão surgindo as diferenças no interior da FD, trazendo heterogeneidade para o âmbito da forma-sujeito e da FD que ela organiza.” (INDURSKY, 2008, p. 19).

Por fim, convém ressaltar que, embora a autora proponha alguns deslocamentos teóricos, as noções de bom e mau sujeito não desaparecem, elas apenas mudam de natureza e são reorganizadas a partir da noção da fragmentação da forma-sujeito da formação discursiva.

## Movimentos Analíticos

Reiterando aquilo que pontuamos na seção introdutória, o *corpus* de análise se trata de uma declaração do ex-ministro-chefe da Casa Civil, Luiz Eduardo Ramos<sup>3</sup> - à época ministro-chefe da Casa Civil- o qual, durante reunião do Conselho Federal de Saúde Suplementar, em abril de 2021, disse, em tom de revelação, ter sido imunizado para a Covid-19. Se levarmos em consideração o fato de que a vacina era algo bastante esperado pela população mundial, diante de todo o contingente de vidas que foram perdidas - e ainda estão sendo - em decorrência da doença, o fato de ter sido vacinado não deveria causar estranhamento, haja vista que não se trata apenas de uma questão individual de saúde, mas também sanitária que está relacionada a todos os cidadãos.

Porém, para entendermos por quais motivos a declaração do ministro trouxe tensão ao interior da formação discursiva de Direita (FDD), ao ponto de distanciar o sujeito de sua identificação plena com a posição-sujeito dominante (posição-sujeito bolsonarista (PSB)), é necessário registrar algumas considerações sem as quais não poderemos dar prosseguimento às análises.

Um primeiro ponto a ser observado é quanto à FDD, a qual, acompanhando o delineamento feito por Indursky (2020), é extremamente heterogênea, pois nela estão inscritos saberes provenientes de diferentes regiões do interdiscurso. Para que possamos refletir acerca disso, é preciso retomar que as fronteiras de uma formação discursiva são “porosas”. Em virtude disso, “[...] seu domínio do saber é frequentemente atravessado/invadido por saberes provenientes de outras formações discursivas, de

<sup>3</sup> Foi substituído por Ciro Nogueira, no início do mês de agosto de 2021.



outra forma-sujeito, de outras posições-sujeito [...]” (INDURSKY, 2008, p. 17). Isso significa que, da mesma forma que a FD pode abrigar a igualdade se sentidos e unicidade do sujeito, também pode ser “lugar” da contradição e de divergência.

Um segundo ponto que precisa ser considerado é quanto à PSB, a qual, em nosso entendimento, a partir da perspectiva de que a forma-sujeito pode fragmentar-se, corresponde à posição-sujeito dominante da forma-sujeito da FDD. Identificam-se com a posição-sujeito bolsonarista sujeitos que negam a ciência, minimizam a pandemia, questionam o funcionamento das vacinas, entre outros saberes.

Feitas essas observações, passamos à transcrição do recorte que é objeto desta análise. O fragmento em questão foi capturado de matéria jornalística veiculada pelo site G1, em 27 de abril de 2021, sob o título “*Ramos diz que tomou 'escondido' vacina contra Covid e que teme por Bolsonaro não se vacinar*” .

*“Tomei, foi em Brasília, ali no Shopping Iguatemi. Tomei escondido porque a orientação era para todo mundo ir para casa, mas vazou. Mas tomei mesmo, não tenho vergonha não. Eu tomei e vou ser sincero porque eu, como qualquer ser humano, eu quero viver. Eu tenho dois netos maravilhosos, eu tenho uma mulher linda, eu tenho sonhos ainda. Então, eu quero viver, pô. E se a ciência, a medicina, fala que é a vacina — né Guedes? —, quem sou eu para me contrapor?” (G1, abril/ 2021)*

Tomando o recorte, observa-se que, ao creditar a vacina e a ciência como saídas para o enfrentamento à pandemia, a fala de Ramos manifesta saberes que se contrapõem àqueles que organizam a posição-sujeito dominante da forma-sujeito da FDD, isto é, a posição-sujeito-bolsonarista. Em decorrência disso, constitui-se naquilo que Pêcheux (1995) designou como mau sujeito. Portanto, ocorre um distanciamento do sujeito do discurso em relação aos saberes organizados pela PSB. Isso faz com que ele se movimente e estabeleça relações com outras posições-sujeito decorrentes da fragmentação da forma-sujeito. Cabe pontuar que, conforme ressalta Indursky (2008, p. 19), essa relação de “[...] intersubjetividade<sup>4</sup> que se estabelece entre a posição-sujeito dominante e as demais é, quase sempre, muito tensa.”

Como sabemos, para a Análise de Discurso, o funcionamento da linguagem está assentado na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. E, [...] é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam [...]” (ORLANDI, 2009, p. 36). Ou seja, a produção de sentidos se dá pelo caráter heterogêneo do discurso, o qual se estrutura entre o tensionamento de relações entre o mesmo e o diferente.

Em especial, diante deste *corpus*, queremos ajustar o foco para o funcionamento do verbo “tomar”, enquanto regularidade que se repete por quatro vezes na fala do ex-ministro. Em vista disso, tomaremos as seguintes sequências discursivas:

*Sd1 - “Tomei, foi em Brasília”*

*Sd 2 - “Tomei escondido [...] mas vazou.”*

*Sd 3 - “Mas tomei mesmo [...] não tenho vergonha não.”*

*Sd4- “Eu tomei e vou ser sincero porque eu [...] eu quero viver.”*

<sup>4</sup> O termo está relacionado à “intersubjetividade falante” que advém de Pêcheux (1995, p. 173).

Uma vez reconhecida a repetição, segundo nos ensina Achard (1999), é necessário admitir que existem processos para estabelecer deslocamento, comparação e relações contextuais. Isso significa que a existência de um jogo de forças entre a estabilidade e a (re)significação. Diante disso, ressalta-se que nem sempre a repetição de uma palavra está relacionada à retomada do sentido instalado anteriormente. Repetir também pode representar a atualização dos sentidos ou a abertura para um novo.

No caso das sequências discursivas recortadas, o verbo “tomar” é uma recorrência que reporta ao mesmo domínio de saber, não apenas devido à estrutura gramatical, mas principalmente, porque a referida estrutura é a marca que assinala o questionamento do sujeito do discurso acerca dos saberes que dominam a posição-discursiva bolsonarista.

Para que possamos aprofundar estas discussões acerca do funcionamento do verbo “tomar”, é interessante trazer presente o fato de que, por repetidas vezes, ao fazer referência à pandemia da Covid-19, o presidente da república Jair Messias Bolsonaro, a quem Ramos estava hierarquicamente subordinado, minimizou a doença e desqualificou àqueles que temiam seus efeitos nefastos. Isso pode ser exemplificado por afirmações que foram amplamente divulgadas pela mídia, tais como “*É só uma gripezinha*” e “*Todos nós vamos morrer um dia. Não adianta fugir disso, fugir da realidade, tem que deixar de ser um país de maricas.*” Esses dizeres refletem um sujeito que está plenamente identificado com a PSB. Dessa forma, ao revelar que se vacinou e justificar que o fez “*porque eu, como qualquer ser humano, eu quero viver*”, o ex-ministro reconhece a possibilidade de que a doença pudesse evoluir para quadros graves e levar à morte, contrapondo-se, portanto, aos saberes organizadores desta posição-sujeito.

Verifica-se que, como explícito na Sd2, possivelmente, Ramos pretendia manter em sigilo que havia sido imunizado, porém houve “vazamento” desta informação. A vacina, então, parece representar algo ilícito ou errado, tanto é que precisou ser às escondidas, porém, como “vazou”, na tentativa de conter os sentidos que instalam pela contradição, o sujeito se justifica, ressaltando que se trata de uma questão de permanecer vivo, conforme podemos observar no seguinte fragmento: “*como qualquer ser humano, eu quero viver. Eu tenho dois netos maravilhosos, eu tenho uma mulher linda, eu tenho sonhos ainda.*” Nota-se, aqui, a preocupação do sujeito em justificar que a decisão de ter tomado a vacina foi deliberadamente sua, inclusive marcada pelo dêitico de 1ª pessoa, “eu”. Quanto a isso, é interessante observar que o sujeito até pode tentar encobrir a contrariedade à orientação recebida - “*a orientação era para todo mundo ir para casa*” -, mas não consegue tamponar a contradição que se instala no momento em que optou por vacinar-se, já que isso representa o questionamento dos saberes que organizam a PSB.

Além disso, outros dizeres também são convocados a significar pelo trabalho da memória discursiva quando pensamos acerca do funcionamento do verbo “tomar” neste *corpus*, como é o caso das “investidas” de Bolsonaro na “tarefa” de colocar em dúvida a confiabilidade das vacinas, logo fortalecendo o discurso anticiência. Para exemplificar, podemos citar o episódio em que o presidente, ao insinuar que os efeitos colaterais das vacinas eram desconhecidos, sentenciou “*Se você virar um jacaré, é problema seu*”, justificando que as empresas não se responsabilizariam por eventuais intercorrências que pudessem ser causadas pelos imunizantes. Desse modo, ao dizer “*E se a ciência, a*

*medicina, fala que é a vacina — né Guedes? —, quem sou eu para me contrapor?"; o ex-ministro se contrapõe novamente aos saberes que estão em dominância na posição-sujeito bolsonarista.*

Dessa forma, quando opta por se vacinar, o ex-ministro reconhece a Ciência enquanto forma de enfrentamento à pandemia, inclusive assinala isso em sua própria fala. A partir disso, ao questionar os saberes que organizam a posição-sujeito dominante, ou seja, a PSB, se estabelece uma relação de tensão, decorrente da heterogeneidade de saberes que “povoam” a forma-sujeito da FDD. Por conseguinte, a superposição entre o sujeito do discurso e os saberes que organizam a posição-sujeito dominante não é mais plena. Essa condição faz com que a forma-sujeito se fragmente. O sujeito então se movimenta e passa buscar sustentação para seu dizer ao se relacionar com outras posições-sujeito, as quais são resultantes da fragmentação da forma-sujeito que organiza essa posição-sujeito.

### **Considerações finais**

Inicialmente, como efeito de fechamento, é indispensável reiterar que nosso percurso tomou como premissa a condição de que, assim como uma formação discursiva é “povoada” por saberes distintos, o que implica heterogeneidade, a forma-sujeito que organiza a FD também é heterogênea. É justamente isso que nos possibilitou pensar na fragmentação da forma-sujeito, bem como na existência de uma posição-sujeito dominante em relação às demais dentro da forma-sujeito.

Em vista disso, trazendo esse deslocamento para o *corpus*, não é precipitado dizermos que a condição heterogênea da Formação Discursiva de Direita (FDD) é resultado do desdobramento da forma-sujeito que organiza a FD, a qual se apresenta fragmentada porque abriga a diferença e a ambiguidade em seu interior. Essa condição de heterogeneidade nos permite dizer que a forma-sujeito não apresenta apenas uma posição-sujeito, mas, ao contrário, é espaço de várias posições-sujeito, as quais vão se delineando conforme se distanciam dos saberes que organizam a posição-sujeito dominante, isto é, a posição-sujeito bolsonarista que caracteriza o discurso do bom sujeito. Isso significa que o mau sujeito é representado não apenas por uma posição-sujeito, mas por todas as outras posições que são diferentes à posição-sujeito dominante.

Dessa forma, quando opta por ser vacinado e marca em seu discurso que a vacina e, por consequência a ciência, é a saída para o enfrentamento da pandemia, o sujeito do discurso já não está mais plenamente identificado com os saberes que organizam a PSB. Assim, Ramos passa a caracterizar o discurso do mau sujeito, haja vista que há um distanciamento entre o sujeito do discurso e os saberes que emanam da posição-sujeito dominante, o que leva à contraidentificação.

## Referências

ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

COURTINE, Jean-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução Cristina de Campos Velho, Didier Martin, Maria Lúcia Meregalli, [et al.]. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014.

FOUCAULT, M. (1969). *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

INDURSKY, F. 2008. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: Solange Mittmann; Evandra Grigoletto; Ercília Ana Cazarin (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prata, pp. 9-33.

\_\_\_\_\_. O teatro do grotesco como cenário da desconstrução do Brasil. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 365-388, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1730#headerAbralin>. Acesso em: 05 agosto 2021.

\_\_\_\_\_. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.) *Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma Introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Tradução Bethânia S. Mariani et al. Campinas, SP: Unicamp, 1990, p.163-179.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. In: *Pêcheux M. Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2014.

RAMOS diz que tomou 'escondido' vacina contra Covid e que teme por Bolsonaro não se vacinar. *GI*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/04/27/ramos-diz-que-tomou-escondido-vacina-contracovid-e-que-teme-por-bolsonaro-nao-se-vacinar.ghtml>. Acesso em: 27 maio 2021.

